

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

MARIA NÚBIA DA SILVA NASCIMENTO

**SOBREPOSIÇÃO DE TERRITÓRIO INDÍGENA E UNIDADE DE CONSERVAÇÃO
A PARTIR DO ARTESANATO (ALDEIA CASSIANA-BA)**

BELO HORIZONTE – MG

2021

MARIA NÚBIA DA SILVA NASCIMENTO

**SOBREPOSIÇÃO DE TERRITÓRIO INDÍGENA E UNIDADE DE CONSERVAÇÃO
A PARTIR DO ARTESANATO (ALDEIA CASSIANA-BA)**

Percorso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Ciências Sociais e Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Maia Figueiredo

BELO HORIZONTE – MG

2021

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a toda minha família, meus pais, meus irmãos e meus sobrinhos que sempre me ajudaram no momento em que precisei, me incentivando para que eu não desistisse dessa jornada. Aos meus filhos Kauã Nascimento Rodrigues e Letícia Nascimento de Souza, pois quando pensava nos dois me sentia encorajada para dar continuidade. À Escola Indígena Pataxó da Cassiana, onde eu trabalho, pela compreensão de minha ausência, a toda a equipe da Faculdade de Educação (FaE/UFMG) pela oportunidade que nos oferecem, às lideranças e caciques por sempre lutaram pelos nossos direitos, a todos meu muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por mais uma vitória em minha vida, sem Ele não conseguiria chegar até aqui, a minha mãe por se preocupar comigo e me incentivar durante essa caminhada, Manoel Robson por me lembrar e fazer minha inscrição, minha irmã Maria D'Ajuda da Silva Nascimento por cuidar de meus filhos enquanto eu estudava em Belo Horizonte, minhas sobrinhas, Laiane, Liziane e Thaíza por cuidar de minha casa, Ariane e Arildes por contribuírem com fotos, e todos meus irmãos que se preocuparam comigo, aos anciões da Aldeia Benedito Báu, Ascilino Braz, Ailton Pereira que foram meus entrevistados, meu irmão Valtenor e Alvair que também contribuíram com minhas pesquisas, todos meus professores da faculdade, em especial ao meu coordenador Pedro Rocha por todo apoio e paciência nessa jornada, ao meu orientador Paulo Maia que me ajudou no processo de construção desse TCC, aos bolsistas, em especial a Matheus Feitas que estava sempre disposto a ajudar na elaboração do meu trabalho, a Jaine Almeida, Liziane e Valdilei Nascimento que me deram apoio em sala de aula com meus alunos, e aos meus alunos pela compreensão de minha ausência, aos colegas xakriabás, maxakalis e pataxós que fizeram parte da minha turma na qual trocamos grandes experiências, enfim deixo aqui meu eterno agradecimento.

RESUMO

Este trabalho apresenta a história do surgimento dos artesanatos de madeira. Procurei investigar e registrar todo percurso de como começou e as mudanças no decorrer dos tempos, incluindo uma história de muita luta do povo desta comunidade contada pelos anciões e por pessoas que vem lutando pela conquista dos direitos indígenas. O trabalho mostra também experiências vividas pelo povo, seus trabalhos, suas culturas, tais como o cultivo da roça, construção da casa de farinha e a produção da farinha. Tradições que vem sendo passada pelo nosso povo que são nossos avós, bisavós, tios e pais, incentivando aos jovens a reconhecer e aprender a valorizar sempre

Palavras-chaves: artesanato pataxó, arte pataxó, sobreposição, território, demarcação

LISTA DE FIGURAS

Foto 1 - Entrevistado Ascelino Braz da Conceição
Foto 2 – Entrevistado Ailton Pereira dos Santos
Foto 3 – Entrevistado Benedito Braz
Foto 4 - Entrevistada Julieta Ferreira da Silva
Foto 5 - Valtenor da Silva Nascimento
Foto 6 - Alvair José da Silva Nascimento
Foto 7 – Farinheira Comunitária
Foto 8 – Escola Indígena Pataxó da Cassiana
Foto 9 - Igreja Católica
Foto 10 - Igreja Evangélica Intertribal
Foto 11 – Colheres de madeira
Foto 12 – Peças torneadas
Foto 13 - Plantio de maniva
Foto 14 - Plantio de maniva
Foto 15 - Plantio de maniva
Foto 16 - Construção do fogão
Foto 17 - Construção do fogão
Foto 18 - Construção do fogão
Foto 19 - Fogão à lenha construído
Foto 20 - Limpeza de corante
Foto 21 - Construção da Casa de Farinha
Foto 22 - Construção da Casa de Farinha
Foto 23 - Produção de farinha
Foto 24 - Reunião de organização da cooperativa
Foto 25 - Reunião de organização da cooperativa

Imagen 1 - Pilão
Imagen 2 - Canoa
Imagen 3 - Colar
Imagen 4 - Pente
Imagen 5 - Xarrí
Imagen 6 - Coxo
Imagen 7 - Gamela
Imagen 8 - Lança
Imagen 9 - Arco e flecha

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

IBDF - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal

ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

PNMP - Parque Nacional do Monte Pascoal

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

FaE – Faculdade de Educação

Sumário

1. INTRODUÇÃO	8
2. METODOLOGIA E ENTREVISTADOS	10
3. UM POUCO DA HISTÓRIA DA ALDEIA CASSIANA	14
4. COMO COMEÇOU OS ARTESANATOS DE MADEIRA MAIS ANTIGOS	17
5. COMO ERA A PRODUÇÃO DOS ARTESANATOS ANTES DA ENERGIA ELÉTRICA	25
6. COMO ESTÁ OS ARTESANATOS DEPOIS DA CHEGADA DA ENERGIA ELÉTRICA	26
7. PRODUÇÃO DO ARTESANATO NA ALDEIA CASSIANA DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19	29
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

1. INTRODUÇÃO

Sou Maria Núbia da Silva Nascimento, nasci em 25 de fevereiro de 1982, pertenço a etnia pataxó e resido na Aldeia Cassiana, município de Porto Seguro Bahia. Tenho dois filhos, Kauã Nascimento Rodrigues e Letícia Nascimento de Souza. Concluí o ensino médio no ano de 2004 em magistério normal e trabalho na escola de minha comunidade como professora desde 2005. Tive necessidade de me capacitar mais, pois só o magistério não está sendo suficiente para manter um professor em sala de aula, daí tentei fazer faculdade particular em pedagogia em uma turma que deu início na aldeia Boca da Mata, porém foi interrompida devido a quantidade de alunos não ser suficiente, no ano seguinte tentei fazer administração na cidade de Itamaraju, mas acabei desistindo também por conta das estradas ruins na época das chuvas. O tempo estava passando e a direção da secretaria me cobrando uma formação superior, então decidi inscrever-me para fazer a prova Intercultural do IFBA em Porto Seguro em 2010, mas não consegui passar, a concorrência foi grande, mas não dava pra acreditar que não tinha conseguido passar numa prova que nem era tão difícil, pensei até em desistir de ser professora mas com os incentivos da minha família dei continuidade. Em 2017 resolvi realizar uma nova inscrição para fazer a prova de vestibular da UFMG em Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades. Fiz a prova e logo depois tive um resultado positivo. Passei e graças a Deus, aos meus esforços, à minha família e aos excelentes profissionais que encontrei nessa Universidade, estou concluindo essa formação na qual tive grandes experiências e um aprendizado que levarei para o resto de minha vida.

Antes de entrar no FIEI, não imaginava que os conteúdos seriam tão voltados para minha cultura, mas no decorrer do curso através dos ensinamentos dos professores, pude ver a riqueza que temos em nosso território que muitas vezes fica despercebido e não conseguimos ver. Durante essa trajetória aprendi muito com os colegas de outras etnias através das apresentações de TCCs. Pude aprender sobre a cultura de outros povos, daí observei que poderia escolher um tema que envolvia minha aldeia, foi então que decidir falar da Sobreposição de Território Indígena e Unidade de Conservação a Partir do Artesanato com o objetivo de me aprofundar mais sobre a questão do artesanato de madeira, por saber de acontecimentos que vem prejudicando a comunidade, quis compreender melhor como se iniciou a produção desses artesanatos, quais foram os primeiros a serem fabricados, como eram feitos alguns anos atrás e como está sendo fabricado hoje. Também citarei alguns

impactos causados na produção durante a pandemia e algumas soluções para o escoamento da produção, tudo através de conversas e pesquisas com moradores da comunidade, lideranças, caciques e pessoas que produzem o artesanato.

As entrevistas foram feitas com os primeiros moradores da aldeia para saber como iniciou a produção dos artesanatos mais antigos, o que eles faziam depois de prontos com esses artesanatos que eram produzidos manualmente. Com os mais jovens, caciques e lideranças, foi para saber dos artesanatos mais recentes, de como estão sendo produzidos depois que surgiu a energia elétrica, se temos alguma solução para o escoamento ou proposta para diminuir a produção. Também entrevistei algumas das famílias para falar um pouco dos acontecimentos na aldeia durante a pandemia de Covid-19, se tiveram dificuldades e como foi a produção do artesanato nesses tempos de pandemia.

2. METODOLOGIA

A metodologia principal foi a pesquisa de campo feita com pessoas da minha própria comunidade durante a pandemia de Covid-19, entrevistas com alguns anciões, os quais já lutaram muito pelo nosso território e que tem uma história de vida longa guardado na memória que não podemos deixar de ouvir, cacique e lideranças que estão na luta em busca de nossos direitos. Também utilizei trabalhos de alguns parentes que já se formaram no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), como Erilza Braz, Iraia Guedes e Maria D'Ajuda de Almeida Braz Pires. Fotografias de minha própria autoria e alguns desenhos feitos por Erisvaldo Almeida, morador da aldeia Cassiana, também compõem este trabalho.

2.1 Entrevistados



Foto 1 - Ascelino Braz da Conceição, 81 anos de idade, já foi liderança e é morador da aldeia Cassiana. Fotografia de Maria Núbia da Silva Nascimento (19/07/2021).



Foto 2 - Ailton Pereira dos Santos, 82 anos, participou de várias reuniões em favor das demarcações dos territórios. Fotografia de Maria Núbia da Silva Nascimento (19/07/2021).



Foto 3 – Benedito Braz, conhecido como Benedito Baú, 80 anos, morador da aldeia Cassiana, foi liderança e lutou muito pelos nossos direitos. Fotografia de Maria Núbia da Silva Nascimento (19/07/2021).



Foto 4 - Julieta Ferreira da Silva, 73 anos, minha mãe, lutou para dar educação a dez filhos e sempre incentivou a todos buscarmos novos conhecimentos. Fotografia de Ariane Nascimento da Conceição (10/06/2020).



Foto 5 - Valtenor da Silva Nascimento, 47 anos, meu irmão, foi liderança da aldeia e está sempre lutando em favor de nossos direitos. Fotografia de Maria Núbia da Silva Nascimento (23/03/2020).



Foto 6 – Alvair José da Silva Nascimento, 46 anos, meu irmão, cacique da aldeia Cassiana, está sempre em busca dos direitos de nosso povo, incluindo as demarcações territoriais. Fotografia de Tárcio Brito Nascimento (15/03/2020).

3. UM POUCO DA HISTÓRIA DA ALDEIA CASSIANA

A aldeia Cassiana fica situada no município de Porto Seguro, no extremo Sul da Bahia, uma terra homologada que faz parte da Terra Indígena de Barra Velha. Antigamente fazia parte da aldeia Boca da Mata, Cassiana e Boca da Mata era uma única aldeia, só que com o passar dos tempos as famílias foram crescendo cada vez mais e com isso algumas famílias viram que estava sendo difícil para o cacique resolver todas as questões da comunidade. Havia seis famílias que moravam em uma distância de quatro quilômetros da aldeia Boca da Mata que estavam tendo dificuldades para participar de reuniões, trabalhos comunitários, receber atendimento médico e devido a falta de transporte e comunicação, mais raro na época, crianças também estavam com dificuldade de frequentar a escola. Foi aí que essas famílias se reuniram e decidiram formar uma nova aldeia, escolheram um cacique e nomearam quatro lideranças, eles acreditaram que dessa forma estaria diminuindo algumas questões para o cacique de Boca da Mata e facilitaria o desenvolvimento dessas famílias mais distantes do centro da aldeia. Escolheram esse nome por ter tido um morador antigo nesse lugar que se chamava Cassiana e ainda tem um córrego na aldeia chamado Córrego da Cassiana, daí então o nome Aldeia Indígena Pataxó Córrego da Cassiana. As seis famílias iniciais já se transformaram em quarenta e nove, hoje a aldeia Cassiana conta com duzentas e cinquenta pessoas entre adultos e crianças.

A aldeia é pequena, mas nela se encontram pessoas hospedeiras e amigas que juntas lutaram e conseguiram alguns benefícios para a comunidade: a escola que vai da educação infantil ao fundamental II, uma igreja católica, uma farinheira comunitária, agente de saúde, um poço artesiano com uma água de boa qualidade, uma igreja evangélica e dois campinhos de futebol. A igreja evangélica e os dois campinhos foram feitos com recursos próprios da comunidade. Atualmente as lideranças se chamam Sebastião Braz da Conceição, José Alves Braz, Tarcio de Brito Nascimento, Augusto Braz da Conceição e o cacique José Alvair da Silva Nascimento, juntos continuam lutando voluntariamente em busca das necessidades da comunidade incluindo as demarcações territoriais.

Alguns pontos de referência da Aldeia Cassiana



Foto 7 – Farinheira Comunitária. Fotografia de Maria Núbia da Silva Nascimento (19/07/2021).



Foto 8 – Escola Indígena Pataxó da Cassiana. Fotografia de Maria Núbia da Silva Nascimento (19/07/2021).



Foto 9 – Igreja Católica. Fotografia de Maria Núbia da Silva Nascimento (19/07/2021).



Foto 10 – Igreja Evangélica Intertribal. Fotografia de Maria Núbia da Silva Nascimento (19/07/2021).

4. COMO COMEÇOU OS ARTESANATOS DE MADEIRA MAIS ANTIGOS

Meus pais, meus irmãos mais velhos e alguns dos primeiros moradores da aldeia como o Sr. Benedito Báu, Zildo e Ascelino Braz, contam que há uns quarenta e um anos atrás, no ano de 1980, as pessoas da comunidade já utilizavam árvores da floresta para fazer canoas para pescar no rio da aldeia e para atravessar o rio para ir para outros lugares. Contam dessa época terem negociado algumas canoas com comerciantes do povoado de Caraíva para serem usadas para transportar mercadorias entre Porto Seguro e Prado, pois carros eram bem mais difíceis naquela época. Também faziam coxos (travessas, gamelas de madeira) grandes utilizados como bacia, para dar banho em mulheres após parto e em crianças. Coxos também eram usados em farinheira para colocar massas da mandioca, farinha, tirar goma e salgar caças em casa. Também faziam pilão, que servia para pisar milho para fazer canjica, pisar arroz, corante e café.

Com o passar dos tempos foram aprendendo a fazer coxos de vários tamanhos e modelos diferentes, quadrado, redondo, oval e outros tipos de artesanatos, como a presilha, xarrí e o grampo (pequena peça de madeira usado para prender o cabelo), pente, colar, pulseira e algumas colheres. Deram continuidade na fabricação do arco e flecha e a lança de uma forma mais aperfeiçoada, pois os indígenas já usavam desde sempre como armas para se defenderem e matar caças nos rios e nas matas para se alimentarem.

Daí as pessoas que vinham visitar a comunidade, vendo essas artes, passaram a fazer encomendas ao povo da aldeia para comprar. As pessoas acostumados a negociar o que produziam por alimentos e por outros objetos que precisavam, como roupas, calçados, cobertores, toalhas, dentre outros, gostaram da ideia de negociar com o dinheiro. Dessa forma passaram a fabricar mais do que antes, pois com o dinheiro que recebiam dos artesanatos vendidos, poderiam ir à cidade comprar o que necessitavam por um valor mais baixo.

Nessa época já havia guardas florestais do IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) fiscalizando a mata. As pessoas quando iam derrubar uma árvore tinham de ter muito cuidado para não ser visto pelos guardas, pois podiam ser presos, espancados e perdiam todas ferramentas que possuíam. Esses órgãos, IBDF, IBAMA e ICMBio vem perseguindo minha comunidade e todas as comunidades que sobrevivem do artesanato de madeira há muitos anos, inclusive as pessoas que praticavam a agricultura, como foi citado no trabalho de percurso da Erilsa Braz dos Santos formada em 2018 na

Habilitação em Matemática do FIEI que teve como tema “A história da demarcação da Terra Indígena Barra Velha”. Na página 30 ela fala dessa perseguição desses órgãos com o povo ao tentar reconstruir a aldeia depois do Fogo de 51, cito um dos entrevistados dela:

Aí começa a fome em Barra Velha, a gente não podia pescar, caçar, plantar, fazer roças, era muito ruim, nem pegar nosso caranguejo. Quando fazia roça, os guardas destruíam tudo, isso já foi nos anos de 1963. Quando os guardas do IBDF estavam fazendo a fiscalização do Parque, se pegasse o parente andando na estrada, queria amarrar as mãos dele no rabo do cavalo, levava preso (SANTOS, 2018, p. 30).

Então era desse jeito, e hoje não é tão diferente, as pessoas aqui da aldeia e de outras comunidades que também fazem o artesanato de madeira como um meio de sobrevivência se for encontrado por um desses órgãos indo ou vindo da mata com seu animal de carga carregado de madeira ou artesanatos, eles tomam tudo e o indígena ainda é obrigado a responder processo. Em uma entrevista com seu Benedito Báu, ele me disse: “Quando precisava ir em Caraíva levar farinha para trocar por peixe, tinha que sair de casa a noite pra chegar em Caraíva meia noite, e voltar antes de amanhecer pra eles não encontrar com a gente, se encontrasse tomava tudo. Isso já nos anos de 1980, por aí”.

Os mais velhos falam que as famílias nessa época eram poucas, sobreviviam mais da agricultura, a terra parecia ser melhor, tudo que plantava produzia em grande quantidade e de boa qualidade sem precisar de adubos. Hoje a terra parece que não é tão boa quanto antes, talvez seja o sol que impede o crescimento das plantas ou as pragas que aparecem amarelando as folhas, besouros, grilos e lagartas roendo tudo. São poucas famílias que conseguem produzir. Então é assim, as pessoas plantam, mas é o maior sacrifício para uma planta se desenvolver, por conta disso muitos ficam desanimados com a agricultura, mesmo assim ainda plantam para ajudar no sustento da família, mas continuam com a produção do artesanato. Porém com a chegada da energia elétrica na aldeia, tudo começa a mudar.

Desenhos dos artesanatos mais antigos – Autoria de Erisvaldo Almeida



Imagen 1 – Pilão. Autoria: Erisvaldo Almeida (2021).

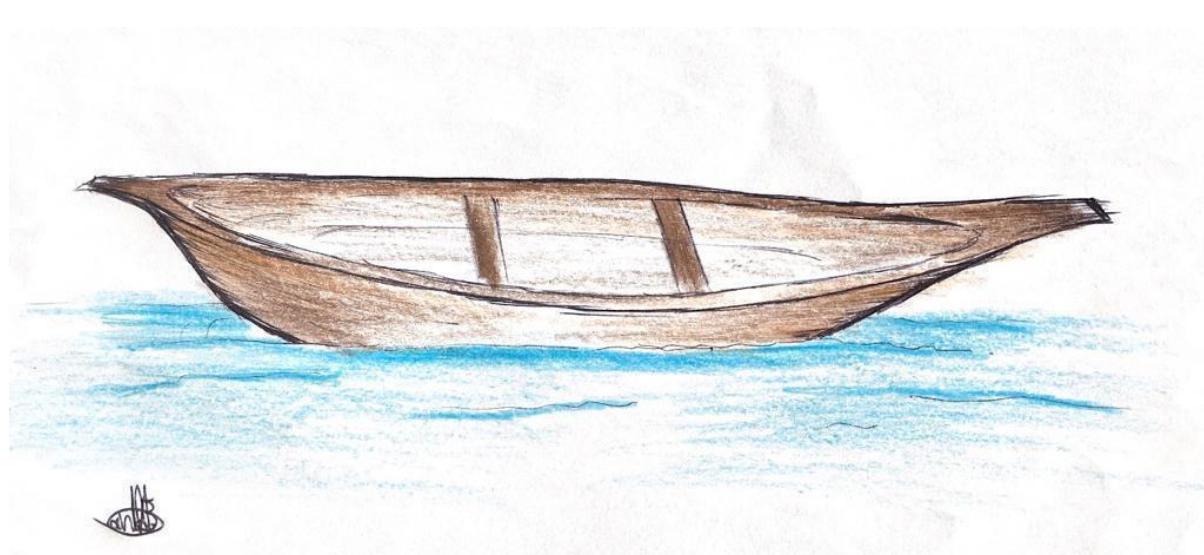


Imagen 2 – Canoa. Autoria: Erisvaldo Almeida (2021).

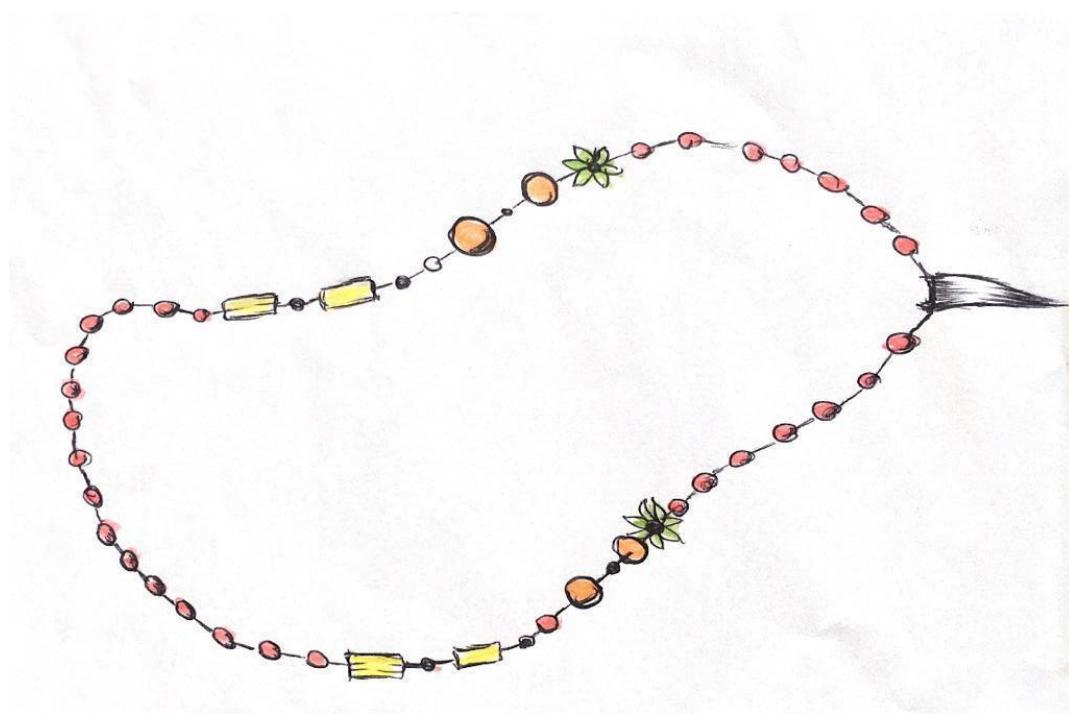


Imagen 3 – Colar. Autoria: Erisvaldo Almeida (2021).

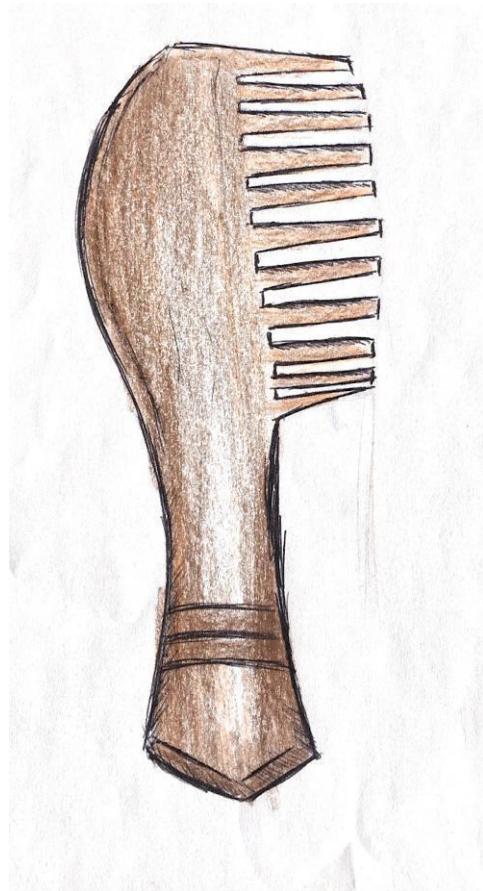


Imagen 4 – Pente. Autoria: Erisvaldo Almeida (2021).



Imagen 5 - Xarrí. Autoria: Erisvaldo Almeida (2021).



Imagen 6 – Coxo. Autoria: Erisvaldo Almeida (2021).

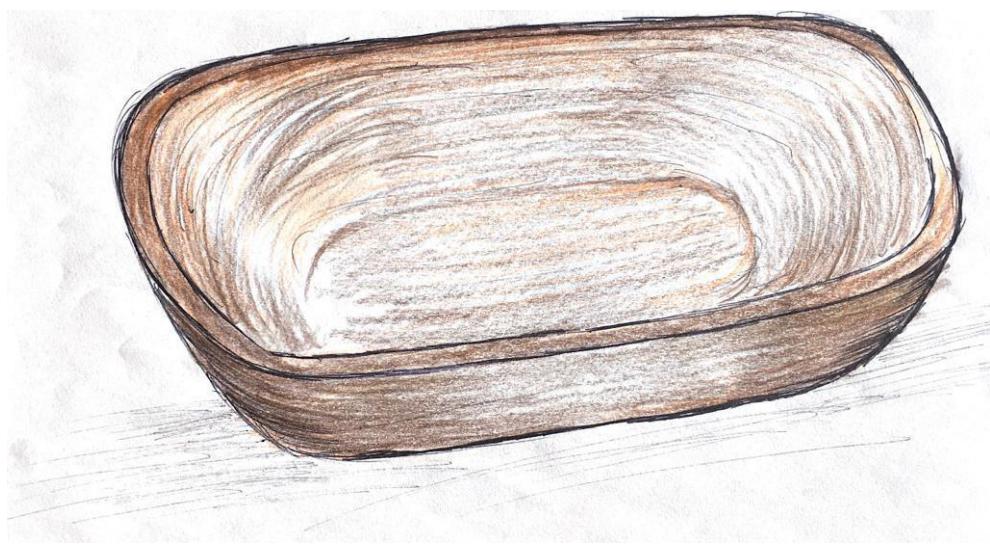


Imagen 7 – Gamela. Autoria: Erisvaldo Almeida (2021).



Imagen 8 – Lança. Autoria: Erisvaldo Almeida (2021).

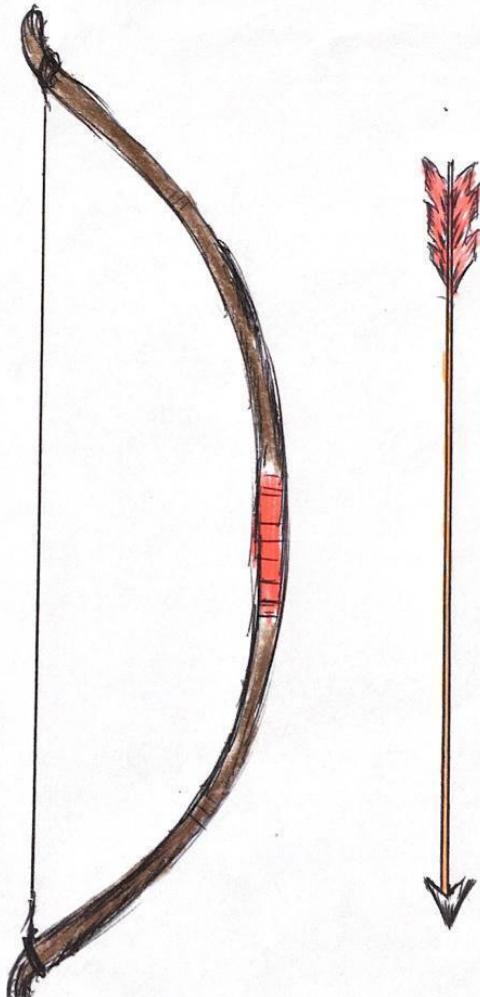


Imagen 9 – Arco e flecha. Autoria: Erisvaldo Almeida (2021).

5. COMO ERA A PRODUÇÃO DOS ARTESANATOS ANTES DA ENERGIA ELÉTRICA

Minha mãe conta que antes de ter energia elétrica na aldeia as pessoas da comunidade viviam mais focado na cultura, quase todas as noites a fogueira estava acesa nos terreiros (quintal de casas), rodeada de adultos e crianças ouvindo e contando histórias, durante o dia as mulheres saiam para pescar com os filhos e os pais ensinavam como limpar a terra para plantar. Juntava toda a família para produzir o artesanato sem pressa, faziam colar e pulseira usando pedacinhos de madeira, faziam adjuntos (grupos de pessoas reunidas para ajudar o outro) para adiantar o trabalho do parente. Todo artesanato era fabricado e com acabamento na aldeia, as pessoas utilizavam folhas de um tipo de árvore da floresta chamada embaúba para lixar os artesanatos, lixar quer dizer retirar os fiapos da madeira, tornando lisa e brilhosa. Tudo era feito manualmente, usavam ferramentas como serrote, facão, formão e enxó para produzir os artesanatos.

Os compradores muitas vezes vinham comprar os artesanatos na aldeia, outras vezes eram feitas trocas com vendedores que apareciam na comunidade e alguns levavam para vender na aldeia de Coroa Vermelha. Era mais difícil na época porque ninguém possuía um transporte e sempre alguém se cortava, as ferramentas eram bem afiadas, ou alguém era ofendido por uma cobra, nessas horas ficava complicado, muitas vezes se curavam com remédios medicinais encontrados na própria aldeia. Tirando esses acidentes e o medo das fiscalizações da mata, o resto era tranquilo, quem quisesse poderia até dormir de portas abertas porque nada atrapalhava.

6. COMO ESTÁ OS ARTESANATOS DEPOIS DA CHEGADA DA ENERGIA ELÉTRICA

Com a chegada da energia na aldeia, as pessoas aprenderam a fazer vários tamanhos de colheres de pau, pequenas, médias e grandes, com o auxílio de um motor elétrico, só que pessoas não indígenas também aprenderam a fazer, pessoas de outros municípios passaram a comprar “blocos” de madeira para fazer colheres. Isso impediu as vendas de colheres do povo da aldeia, porque os que compravam passaram a fazer também, com o crescimento do artesanato, foram surgindo novos compradores, mas apesar disso o povo de minha aldeia não consegue vender e acabam sendo forçados a fazer trocas por alimentos em pequenas mercearias da aldeia e na aldeia vizinha que é Boca da Mata.

As pessoas não indígenas que aprenderam fazer colher de pau, muitos fazem de eucalipto, mas a maioria faz de madeira nativa, muitas dessas madeiras são retiradas do PNMP (Parque Nacional do Monte Pascoal), as pessoas da aldeia sabem, porque vê os estragos que fazem na mata e arrastões (estradas largas) para retirar madeira com carros. Com isso os povos indígenas que sobrevivem do artesanato ficam prejudicados porque outras comunidades em torno do Monte Pascoal também sobrevivem do artesanato de madeira que é retirada da Reserva do Parque Nacional do Monte Pascoal, mas muitos acreditam que é o povo pataxó dessa região que estão destruindo a floresta.

Com a novidade da energia na aldeia a produção dos artesanatos não caiu porque muitos passaram a produzir em motores elétricos e começaram a vender sem dar acabamentos. As crianças que antes gostavam de aprender com os mais velhos e com os pais ajudando a confeccionar, muitas delas perderam a vontade de aprender devido a chegada de novas tecnologias. Os homens deixaram de fabricar o coxo e passaram a fabricar somente as colheres, muitos logo deram um jeito de comprar uma televisão e com o tempo outros aparelhos, o mais recente está sendo a vinda da internet pra aldeia que está ajudando em muitas atividades, porém muitos jovens se tornaram viciados em jogos online o que acaba prejudicando nos estudos e em algumas atividades.

Alguns artesanatos mais recentes



Foto 11 – Colheres de madeira. Fotografia de Maria Núbia da Silva Nascimento (25/07/2021).



Foto 12 – Peças torneadas. Fotografia de Maria Núbia da Silva Nascimento (25/07/2021).

Através da minha pesquisa com conversa com pessoas mais velhas da comunidade, lideranças, caciques, ficou claro que o povo indígena não acaba com a mata, não trabalham fazendo desperdícios de madeira, derrubam uma árvore com grande dó, são obrigados a fazer isso para sustentar a família, precisam de dinheiro para comprar o necessário, pois na aldeia não tem um carro próprio para o atendimento à saúde, a comunidade é atendida com o transporte da aldeia vizinha de Boca da Mata e muitas vezes que precisam não encontram o carro porque já saiu com outros pacientes. Assim as pessoas são obrigadas a pagar frete a outros que possuem carros para levar alguém quando passa mal para o hospital. Remédios também nem sempre se encontram no posto de saúde, sendo preciso comprar quando necessário. Como não gostamos de trabalhar para fazendeiros por causa da discriminação, moramos em um vale próximo ao rio e a mata, aprendemos a fazer o artesanato e vivemos disso, não pensamos em somente enriquecer mas para sobreviver e quando o índio derruba uma árvore nasce outra no lugar. Falam ainda que existem matas nesse parque porque tem várias comunidades indígenas Pataxós morando próximo a ele, se não fosse isso, provavelmente só haveria pastos em torno do Monte Pascoal.

7. PRODUÇÃO DO ARTESANATO NA ALDEIA CASSIANA DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

O ano de 2020 se iniciou com uma doença que parecia ser simples no começo, mas rapidamente em poucos meses acabou com várias vidas, prejudicando o mundo inteiro, minha comunidade também, e desde então estamos passando por uma situação muito difícil. A maioria das famílias sobrevivem do artesanato de madeira e quando não conseguem vender em troca do dinheiro, são obrigadas a fazer trocas por alimentos em algumas mercearias da aldeia, porém com o surgimento da doença, o novo coronavírus, as pessoas que compravam o artesanato não puderam comprar mais. Foi preciso fechar todo o comércio e a comunidade sem poder vender seu artesanato teve que procurar outra saída.

As mulheres passaram a pescar com os filhos quase todos os dias. Os homens iam caçar, fazer armadilhas para pegar caça na mata e peixes nos rios, o resultado não era muito bom, pois as caças e peixes estão escassos em nosso meio, mas às vezes pegavam alguns.

Outra coisa que ajudou bastante foi a agricultura. Os mais velhos que nunca deixaram os plantios de lado, nessa crise, as roças que eles tinham ajudaram bastante, com elas fizemos farinha para o consumo próprio, o beiju, a farinha de coco, o cauim, tínhamos o aipim para comer cozido, frito ou na sopa. Alguns que já tinham roça plantadas deram para outros fazerem na meia, ou seja, a pessoa organiza o trabalho de fazer a farinha com a mandioca da roça e divide o resultado com o dono da roça.

Os jovens juntamente com seus familiares passaram a cultivar mais, no pouco pedaço de terra que possuíam perceberam melhor a importância do cultivo passando a limpar os terrenos e plantar vários tipos de sementes, inclusive a maniva. Viram a necessidade de criar outra casa de produção de farinha (a farinheira), se juntaram e fizeram. Muitos passaram a cozinhar no fogão à lenha, criaram até uma Associação Comunitária, porque muitas aldeias receberam benefícios através da Associação, e como a nossa comunidade não tinha, nós perdemos muito. Daí alguns jovens da aldeia deram a iniciativa junto com a comunidade para a criação de uma. Algumas famílias já tinham tentado antes, porém não foi em frente, outros participaram da Associação da Aldeia Boca da Mata, mas a comunidade não era beneficiada. Hoje a nossa Associação está faltando pouco para começar a funcionar. Então foi desse jeito que a gente foi se virando até receber o auxílio emergencial.

Começou o ano de 2021 e a doença continuou avançando mais ainda e o pior é que o auxílio foi cortado e muitos continuam desempregados. Como alguns comércios foram

reabertos, conseguimos vender alguns artesanatos e deu para comprar o básico durante esses três meses. Está sendo muito difícil esse período de estar sempre usando máscaras e manter o distanciamento das pessoas, as aulas paralisadas, outros fazendo estudos remotos como estudantes da UFMG e muitos desempregados. Mas graças a Deus estamos todos bem. Muitas pessoas da minha aldeia sentiram os sintomas da doença, sete testaram positivo, porém ninguém precisou sair para internação, usaram muitos remédios de plantas da aldeia e ficaram bons, só minha mãe que está com 73 anos de idade que até hoje não está muito bem devido outros problemas que já tinha. As pessoas da minha comunidade tomaram a vacina contra o Covid-19 no mês de fevereiro de 2021, algumas já tomaram a segunda dose e espero que logo tudo volte ao normal.

Parabenizo aqui todos profissionais da UFMG que pensaram em tudo e encontraram um jeito de dar continuidade aos estudos e nosso curso intercultural não foi interrompido, mesmo sendo remoto com algumas dificuldades estamos aqui finalizando mais um módulo, ou seja, mais uma turma se formando, 2017- 2021.

Algumas atividades realizadas na Aldeia Cassiana durante a pandemia



Foto 13 – Plantio da maniva. Fotografia de Maria Núbia da Silva Nascimento (23/03/2020).



Foto 14 – Plantio da maniva. Fotografia de Maria Núbia da Silva Nascimento (23/03/2020).



Foto 15 – Plantio da maniva. Fotografia de Maria Núbia da Silva Nascimento (23/03/2020).



Foto 16 – Construção do fogão. Fotografia de Arildes Nascimento da Conceição (20/08/2020).



Foto 17 – Construção do fogão. Fotografia de Ariane Nascimento da Conceição (20/08/2020).



Foto 18 – Construção do fogão. Fotografia de Ariane Nascimento da Conceição (20/08/2020).



Foto 19 – Fogão à lenha construído. Fotografia de Arildes Nascimento da Conceição (23/08/2020).



Foto 20 – Limpeza de corante. Fotografia de Kauã Nascimento Rodrigues (15/04/2020).



Foto 21 – Construção da Casa de Farinha. Fotografia de Valtemir da Silva Nascimento (15/07/2020).



Foto 22 – Construção da Casa de Farinha. Fotografia de Valtemir da Silva Nascimento (15/07/2020).



Foto 23 – Produção de farinha. Fotografia de Arildes Nascimento da Conceição (20/04/2020).



Foto 24 – Reunião de organização da cooperativa (Associação Comunitária). Fotografia de Arildes Nascimento da Conceição (20/07/2020).



Foto 25 – Reunião de organização da cooperativa (Associação Comunitária). Fotografia de Ariane Nascimento da Conceição (20/07/2020).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo moradores de minha aldeia e outras comunidades que também sobrevivem do artesanato de madeira e falas de lideranças em reuniões, o único meio de parar de produzir artesanato de madeiras nativas é a demarcação dos territórios que estão em processo de demarcação. Porque as famílias estão sempre em crescimento e os espaços estão ficando cada vez mais apertados. Alguns anos atrás, eram poucos moradores, criavam galinhas, porcos e outros animais, hoje quase ninguém cria porque o espaço é pequeno, as famílias moram muito próximas das outras, e as criações acabam prejudicando o vizinho, por isso muitos querem a demarcação das terras para as famílias se espalharem e poder continuarem com criações e desenvolverem projetos de agricultura.

Também, como dito anteriormente, criamos uma Associação Comunitária, na qual já foi registrada no final do ano de 2020 com o nome Associação Comunitária da Aldeia Indígena Pataxó da Cassiana (ACIPAC) para que através dela possam encontrar outras fontes de renda, incluindo projetos e com isso diminuindo a produção do artesanato de madeira nativa.

Finalizo esta pesquisa com a certeza de que o povo indígena não são os destruidores da floresta, a Natureza é a nossa mãe, e fazemos de tudo para não vivermos sem ela, por essa razão as famílias desta comunidade estão procurando ajuda e outras fontes de renda que possa garantir o sustento dessas famílias que não possuem uma renda fixa, sendo obrigados a sobreviver diretamente dos recursos da natureza. Pois já tentaram trabalhar com o eucalipto, porém não deu certo devido ao custo ser muito alto até chegar na aldeia, as famílias não tiveram condições de continuar, muitos trabalham com agricultura, mas não é suficiente para manter cada um. Então espero que esses órgãos ambientais ao invés de nos acusar, procurem meios de nos ajudar, oferecendo projetos, recursos que possam garantir o sustento dessas famílias.

Através dessa pesquisa, também pude ver nos olhos dos mais velhos a vontade de ver os territórios demarcados, lideranças já perderam vidas nessa busca, mas os que resistem não se cansam de lutar e acreditam que um dia isso se tornará real.

Gostaria que essa pesquisa fosse útil para jovens pataxós, que eles pudessem compreender que só conseguimos evoluir através dos ensinamentos e aprendizados que adquirimos ao longo de nossas vivências, começando pela família, comunidade, escola, e se esforçando para algum dia se ingressar em uma faculdade onde nos faz aprender ainda mais, não esquecendo que devemos ouvir e aprender também com os anciões da comunidade e ir

passando de geração para geração. Isso nos torna cidadãos de bem e nos faz querer lutar cada vez mais pelos nossos direitos.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUEDES, Iraia dos Santos. Pataxó quer seu território de volta: O Parque Nacional do Monte Pascoal como unidade de conservação e terra indígena. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígenas, Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, Erilsa Braz dos. A história de demarcação da terra indígena Barra Velha. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígenas, Habilitação em Matemática) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

PIRES. Maria D' Ajuda de Almeida Braz. A sobrevivência do povo pataxó e a luta pela terra (aldeia Boca da Mata). Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígenas, Habilitação em Língua, Artes e Literatura) – Faculdade de Educação, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

Entrevistas

NASCIMENTO, Valtenor da Silva. Aldeia Córrego da Cassiana, Porto Seguro/BA, 5 de março de 2020. Entrevista concedida a Maria Núbia Silva Nascimento.

NASCIMENTO, José Alvair da Silva. Aldeia Cassiana, Porto Seguro/BA, 20 de dezembro de 2019. Entrevista concedida a Maria Núbia da Silva Nascimento.

SILVA, Julieta Ferreira da. Aldeia Cassiana, Porto Seguro/BA, 5 de março de 2020. Entrevista concedida a Maria Núbia da Silva Nascimento.

BRAZ, Benedito, Aldeia Cassiana. Porto Seguro/BA, 20 de dezembro de 2019. Entrevista concedida a Maria Núbia da Silva Nascimento.

CONCEIÇÃO, Ascelino Braz da. Aldeia Cassiana, Porto Seguro/BA, 15 de novembro de 2019. Entrevista concedida a Maria Núbia da Silva Nascimento.